

OS CANHÕES DA ILHA DE VILLEGAGNON

Capitão de Mar e Guerra (Ref)
Pedro Gomes dos Santos Filho¹

INTRODUÇÃO

Três anos após a transferência da Escola, em 1941, um aspirante, que se identificou pelas iniciais N.A.U., escreveu, na revista *A Galera*, uma crônica, sobre os canhões existentes na ilha, intitulada “Os canhões de Villegagnon”.

Inertes, sem se importarem com as lambadas furiosas do mar em ressaca, indiferentes à carícia meiga da espuma das águas da Guanabara, aí vivem eles. Desprezados, abandonados, ridicularizados. Eram os canhões da antiga Fortaleza. Em tempos idos, encarapitados sobre as muralhas de Villegagnon, olhavam, sempre arrogantemente, para todos que entrassem à barra. Falaram com sua eloquente voz para sustar o desembarque de Duguay Trouain, o corsário francês que vinha vingar a derrota recente de seu compatriota Duclerc.

Calaram-se mais tarde. Outros mais modernos tomaram-lhes o lugar.

E eles, jogados entre pedras e cascalhos, vivem sua morte cruel.²

Este artigo apresenta a pesquisa realizada para a identificação dos canhões que hoje ornamentam a Ilha de Villegagnon. Com isso, espera-se contribuir para a manutenção do conhecimento histórico sobre a Escola Naval (EN).

DESENVOLVIMENTO

Até o início da década de 1980, quem estivesse junto à muralha da EN podia observar, durante a baixa-mar, dois canhões de Villegagnon jogados sobre as

pedras, ilustrando o desprezo e o abandono abordados na crônica de N.A.U.

Em março de 1981, a Corveta Imperial Marinheiro (V15) recebeu a tarefa de desencilhar e recolher esses canhões em proveito do Serviço de Documentação da Marinha³. A faina foi descrita em interessante “Carta ao Leitor” do Comandante Ronald dos Santos Santiago, publicada na *Revista Marítima Brasileira* (RMB) muitos anos depois. Segue a descrição da faina.

Depois de deslocados para profundidade adequada para o seu içamento, um deles foi recolhido e o outro, infelizmente, apesar de exaustivas buscas por mergulhadores e emprego de equipamentos de detecção, não foi localizado. A boia de arinque que o marcava se extraviou e inviabilizou a identificação da sua posição.⁴

Segundo o que relata o Comandante Ronald,

Em maio do mesmo ano a Corveta Imperial Marinheiro transportou o canhão resgatado para a cidade de Porto Alegre, entregando-o aos cuidados da então Delegacia da Capitania dos Portos. Este canhão, desde então, conjuntamente com uma âncora e um mastro, faz parte da ornamentação existente no entorno do busto do almirante Tamandaré no Parque Marinha do Brasil em Porto Alegre.⁵

¹ Doutor em Política e Estratégia pela Escola Superior de Guerra.

² Revista *A Galera*, 1941.

³ Atual Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM).

⁴ SANTIAGO, Ronald dos Santos. O canhão histórico do parque Marinha do Brasil em Porto Alegre. *Revista Marítima Brasileira*, v. 142 (CXLII) n.04/06, abril/junho 2022, p. 244.

⁵ Idem.

Também ficou registrado, na Carta da RMB, o comentário do Professor Adler Romero, que identifica o canhão retirado do mar.

É um canhão Armstrong, comprado em 1872 como uma experiência para ver se era superior aos Withworth, que eram padrão da Marinha. Pelas dimensões externas, diria que é uma arma de 300 libras (9 polegadas ou 234 mm).⁶

Abrigando fortificações desde 1555, quando Nicolau Durant de Villegagnon mandou construir um forte batizado “Forte Coligny”, a paisagem da ilha sempre foi ornamentada por canhões de diversos tipos.

Por ocasião da transferência da Escola Naval para Villegagnon, em 1938, foram encontrados na ilha muitos canhões da época colonial. “Alguns deles, por demais pesados e em locais inacessíveis, foram abandonados onde se achavam e soterrados; os que puderam ser aproveitados, por determinação do Sr. Ministro da Marinha, Almirante H. Aristides Guilhem, foram dispostos ao longo da amurada”.⁷

Segundo o relatório de transferência, dois canhões antigos, do tempo da nossa independência, semelhantes aos que guarneciam a Nau Pedro I, vieram da Ilha das Enxadas. Esses canhões foram ofertados à Marinha do Brasil pelo Governo britânico por ocasião do Centenário da Independência, em 1922.

Em 1965, durante as escavações realizadas no campo de esportes e na pista de atletismo, foram encontrados dois canhões ingleses antigos, que presumivelmente guarneciam a antiga Fortaleza de N. Sra. da Conceição de Villegagnon.

Pela pesquisa realizada para a confecção do presente artigo, não se pôde apurar se os canhões dispostos ao longo da amurada em 1938 e os dois canhões ingleses achados em 1965 ainda se encontram na ilha. Outra dúvida que persiste é qual foi o destino dos canhões cedidos pelo Governo britânico em 1922, provenientes da Ilha das Enxadas. Entretanto, foi possível identificar os canhões atualmente existentes em Villegagnon.⁸

Os dois canhões dispostos próximos ao túnel histórico são canhões portugueses de bronze, de 1649, fundidos por Rui Correa Lucas Matias Escartim, especialista que permaneceu em atividade até 1663. Esses canhões foram recuperados do sítio arqueológico do naufrágio da Nau *Sacramento*, soçobrado em 1668. Matias Escartim, de origem castelhana, era o fundidor dos canhões no tempo do reinado de D. João IV. Na parte superior dos tubos-alma, além do escudo gravado, está escrito: Em cima – DOM JOÃO III REY DE PORTUGAL; Em baixo – SENDOTINENTE G RVI CORREA LUCAS MATIAS ESCARTIM ME FEX LX 1649.

A descoberta do sítio arqueológico ocorreu em 1973, quando, orientados por pescadores locais, praticantes de caça desportiva submarina encontraram grande número de canhões e outros objetos no fundo do mar em frente ao Rio Vermelho, em Salvador, Bahia. À época, em vista importância do achado, o Ministério da Marinha em conjunto com o Ministério da Educação e Cultura decidiram realizar um eficiente trabalho de pesquisa arqueológica, a fim de preservar o material de alto valor histórico. Na ocasião, dentre outros objetos, foram recolhidos canhões de origem



Figura 1. Canhões expostos próximo ao túnel histórico
Fonte: Arquivo do Autor.

⁶ Ibidem, p. 245.

⁷ Relatório de transferência da EN, de autoria do Capitão-Tenente Miguel Magaldi – Subsídios para a História Marítima do Brasil, Vol. 2.

⁸ A identificação foi gentilmente informada pelo Professor Adler Romero a pedido do autor.



Figura 2. Canhão exposto no Pátio Inhaúma

Fonte: Arquivo do autor.



Figura 3. Canhão exposto na parte externa da Escola Naval

Fonte: Arquivo do autor.

inglesa, holandesa e portuguesa, graças ao valioso apoio do Navio de Socorro Submarino Gastão Moutinho e de mergulhadores da Marinha, que tiveram participação ativa nos trabalhos realizados.⁹

Os demais canhões que hoje ornamentam a ilha estão assim distribuídos:

Os dois canhões situados no Pátio Inhaúma são do padrão Millar, do tipo usado nos navios nas décadas de 1850 até 1878 (aproximadamente).

Apontados para o Aeroporto Santos Dumont, temos quatro canhões com as mesmas características daqueles existentes no Pátio Inhaúma.

Localizados próximos ao Auditório Almirante Serpa, podem ser encontrados três canhões do tipo Armstrong (1720-1794) e três Blomefields (1794-1840). Os do tipo Armstrong são identificados pela letra “R” gravada no munhão direito.¹⁰

⁹ Detalhes sobre a pesquisa arqueológica podem ser encontrados no artigo “O Galeão Sacramento (1668)”, publicado na Revista Navigator, n. 13, 1977.

¹⁰ Ver seta vermelha na fotografia do canhão disposto no Pátio Inhaúma que indica o munhão.



Figura 4. Canhões expostos nas proximidades do Auditório Almirante Serpa

Fonte: Arquivo do autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os canhões de Villegagnon continuam guardando os Sentinelas dos Mares e assim ficarão por um longo tempo. Representam um indelével elo entre o passado e o presente da histórica ilha.

Que este artigo contribua para manutenção do conhecimento sobre os canhões que ornamentam a Ilha de Villegagnon e que sirva de suporte para os relatos históricos durante as visitas de público externo a nossa Escola Naval.

REFERÊNCIAS

NETO, Ulysses Pernambucano de Mello. O Galeão Sacramento (1668), Revista Navigator, n. 13, 1977.

SANTIAGO, Ronald dos Santos. O canhão histórico do parque Marinha do Brasil em Porto Alegre. Revista Marítima Brasileira, v. 142 (CXLII) n.04/06, abril/junho 2022.

BRASIL, Ministério da Marinha, Estado Maior da Armada. Subsídios para a História Marítima do Brasil, Vol. 2.